

BIBLIOTECA
**MARCHA
CRIANÇA**

CARLOS QUEIROZ TELLES

A HISTÓRIA DA PEDRA GRANDE

ILUSTRAÇÕES
MARGARETHE AQUEMI SHIBUYA ITAI



editora scipione

Esta edição possui o mesmo texto ficcional das edições anteriores.
Este livro foi originalmente publicado na Coleção Histórias que eu gosto de contar, da Editora Scipione.

A história da Pedra Grande
© Carlos Queiroz Telles, 2002

Gerência editorial Kandy Saraiva
Edição Flávia Andrade Zambon

Gerência de produção editorial Ricardo de Gan Braga

Arte

Narjara Lara (coord.), Thatiana Kalaes (assis.)

Projeto gráfico Gláucia Correa Koller, Soraia Scarpa (adaptação)

Revisão

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.)

Iconografia

Silvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T275h

Telles, Carlos Queiroz

A história da pedra grande / Carlos Queiroz Telles ;
ilustração Margarethe Aquemi Shibuya Itai. - [3. ed.]. -
São Paulo : Scipione, 2016.

40 p. : il.; (Biblioteca marcha criança)

Apêndice

ISBN 978-85-474-0012-5.

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Itai, Margarethe
Aquemi Shibuya. II. Título. III. Série.

16-36477

CDD: 028.5

CDU: 087.5

CL: 739995

CAE: 612682

2019

3ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:



editora scipione

Direitos desta edição cedidos à Editora Scipione S.A., 2017
Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Tel.: 4003-3061 / atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





Uns chamam este lugar de Pedra Grande, outros, de Pedra da Montanha. Não importa. Não chega a ser uma grande montanha, mas durante muito tempo foi a única disponível na minha pequena geografia de menino nascido numa cidadezinha de interior. Pedação de serra comprida, a encosta é coberta por restos de um mato ralo — sobras de queimadas antigas.

Como eu lia muito e tinha uma imaginação disparada, a montanha e sua pedra serviam perfeitamente para alimentar meus sonhos infantis. Afinal, fantasia existe para isso mesmo.

Todos os dias eu achava um tempo para ficar contemplando demoradamente o pico, mesmo quando ele estava encoberto pela neblina da serra. Lá em casa, papai e mamãe brincavam comigo:

— De tanto espichar o pescoço vai acabar ficando com o gogó de ema...



Confesso que durante algum tempo hesitei. Tinha medo de enfrentar a subida. Não pela altura ou pela distância, mas pelos riscos do caminho. Entrar sozinho naquele matagal... sei lá! “E se eu topar com alguma cobra venenosa?”, pensava.

O povo da roça dizia que naqueles matos ainda apareciam onças. Não sei se era conversa para assustar as crianças, mas a grande atração turística de nossa cidadezinha era a pele de onça-pintada pendurada na vitrine da farmácia do Seu Tonho. Ele jurava que tinha caçado a fera no alto da serra. Todo mundo conhecia de cor aquela história de caçador:

— Eu vinha voltando para casa, quando escutei o miado da onça...

E se fosse verdade? Pedir a alguém para ir comigo seria estragar toda a aventura. Há coisas na vida que a gente ou faz sozinho, ou não faz. Enfrentar e vencer os próprios medos é a mais importante delas. Então, o jeito era ir juntando aos poucos a coragem necessária para a grande escalada.

